

A folia de reis em contaminação discursiva

Barbara Lito¹

RESUMO:

O objetivo deste artigo é levantar questões de cunho reflexivo, estético e crítico acerca da Folia de Reis, como forma de configuração de um saber cultural, religioso, intelectual, estético, comunitário, que possui muitas variantes, de acordo com a região estudada. Tendo como base os Evangelhos de Mateus e Lucas, o mito original do nascimento de Jesus torna-se vivo e modifica-se constantemente na tradição oral do rito da festa dos Reis.

Palavras-chave: Folia de Reis; Oralidade; Tradição; Festas religiosas

Introdução

O trabalho apresentado irá abordar questões teórico-críticas levantadas ao longo da pesquisa de Mestrado sobre Folias de Reis. A pesquisa foi iniciada em 2005, inicialmente pelo contato com José Rocha, o *Mestre Bengala*, Mestre da Folia de Reis *Estrela do Oriente*, de Aparecida, cidade situada em São Paulo. A partir de entrevistas e registros em fotografias e audiovisual, no período de 2007-2008, o interesse sobre o tema foi sendo sistematizado e, posteriormente aprofundado, pelo contato, na cidade de Valença, Rio de Janeiro, com outras fontes: Agostinho Gomes Filho, o *Santo Preto*, Mestre da *Folia de Reis Lázaro e Maria*; Olival Esteves, o *Mestre Torrada*, cuja Folia leva seu nome; e Tião Lima, Mestre palhaço antigo na cidade, que já não sai mais com sua Folia; são Mestres que se tornaram os principais intercessores do trabalho.

1. O mito

Na oralidade, a *fabulação*, *palavra em ato*, seria o momento em que o narrador reinventa-se na linguagem e, a partir daí, cria um mundo que não existia antes da atividade

¹ Estudos da Literatura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Puc-Rio.

fabulatória. Os relatos podem acomodar muitas versões, por vezes conflitantes, numa mesma narrativa. Esse agenciamento coletivo de narrar, característico das tradições orais, fragmenta o sujeito da enunciação, sendo de fundamental importância para a construção de um trabalho interdisciplinar. A enunciação, ao partir de uma voz que se pretende única, acaba por comprometer o sujeito que enuncia, pois este,

se falar sozinho, mesmo inventando ficções, forçosamente terá um discurso de intelectual, não poderá escapar ao ‘discurso do senhor ou do colonizador’, um discurso pré-estabelecido. O que é preciso é pegar alguém que esteja ‘fabulando’, em ‘flagrante delito de fabular’. Então se forma, a dois ou em vários, um discurso de minoria. [...] Então, às ficções pré-estabelecidas que remetem sempre ao discurso do colonizador, trata-se de opor o discurso de minoria, que se faz com intercessores. (DELEUZE, 1990, p.157)

Os componentes da Folia de Reis, enquanto fontes primárias de informação, acabam por se tornar, naturalmente, intercessores para o desenvolvimento do trabalho proposto que, por sua vez, não procura tomar posse efetiva e distanciada de uma manifestação da cultura e da religiosidade popular, mas, ao contrário, a considera enquanto narratividades em trânsito, não como fim, mas como busca.

As Folias de Reis – ritos de celebração natalina coreografados e cantados - vieram para o Brasil para serem utilizadas na evangelização dos nativos e negros. Os jesuítas ensinavam sobre o nascimento do Menino Jesus incentivando os indígenas a armar presépios – humanos ou materiais – a partir dos relatos bíblicos. Visavam incorporar mais facilmente os preceitos cristãos, já que os povos autóctones não conheciam a língua portuguesa e eram pouquíssimos, inclusive entre os europeus, os que sabiam ler e tinham acesso às Escrituras.

Dos quatro Evangelhos canônicos, só em dois encontramos os relatos sobre o nascimento e parte da infância de Jesus: em *Mateus* e *Lucas*. É daí que tomamos conhecimento do recenseamento em Belém, cidade natal de José; fato que obriga o casal bíblico a sair de Nazaré e que acaba por fazer com que Maria dê a luz ao filho numa gruta, pois as estalagens da cidade encontravam-se cheias. Paralelamente, guiados por uma estrela, os Magos do Oriente encontram o local do nascimento, presenteando o Messias com ouro, incenso e mirra. Sabemos também do massacre das crianças menores de dois anos pelo tirano Herodes, que, alertado pela presença desses Magos, fica amedrontado com a possibilidade de realização de uma profecia que indicava a vinda de um Rei que o destronaria.

Nas Folias de Reis, o Menino Jesus, figura divina central das festas de natalidade, perde seu papel de protagonista. Sua existência ainda é fundamental, mas são ressaltados personagens e fatos que, na narrativa bíblica, encontram-se à margem dos principais acontecimentos. A partir dos Evangelhos germinou uma fonte quase inesgotável de personagens e enredos sensíveis e ricos, com contornos, cores, gestos e sons particulares e coletivos. A figura dos Reis Magos, então, ganha relevo; e sua viagem orientada pela Estrela de Belém torna-se o fio de todo o entendimento dos foliões sobre a história.

O Mestre *Santo Preto* narra, então, a história:

o nascimento é onde que o menino Jesus nasceu numa pequena, assim... assim... num colchão de palha, palha, que o seu colchão era palha, entendeu? essa palha de milho... ali nasceu o menino Jesus. Aí veio o boi bento, a raposa, aí começou a aquecê o menino, por causa do frio, que era muito frio, então, aquilo ali é que foi o nascimento. [...] chegando na manjedoura, lá eles se ajoelharo, pra entregá o presente do menino Jesus, depois eles se alevantaram, voltaram, conheceram quem? o rei Heróes. Aí o rei Heróes, perguntou pra ele se tinha nascido o rei da Judéia. Aí que que o rei Heróes ficou? Ficou muito chateado. Que que o rei Heróes queria? Queria o trono. Mas só que é que o trono não era pra ele, que ele era um cara matadô, queria matá e foi aonde que surgiu a matança, queria matá as criança de dez anos pra baixo. Mas nesse momento ele não achou mais o menino mais, que Nossa Senhora já tinha ido embora de Nazaré².

2. A Festa

Há Folias de Reis em todo o território brasileiro, podendo ser encontrada tanto nas áreas rurais quanto nas metropolitanas. A devoção aos Santos Reis é manifesta numa festa religiosa, que acontece em geral entre os dias 24 de dezembro e 6 de janeiro, onde os foliões saem em *Jornada*, ou seja, peregrinam em visita aos presépios de casas que os recebam, *fazendo a semelhança*³ da viagem dos Magos até o encontro do Menino-Jesus.

Na Folia de Reis, os limites entre o sagrado e o profano se diluem. Por fazer parte de uma manifestação religiosa cujas raízes encontram-se na dinamicidade característica do universo popular, a festa possui grande independência na reconstrução de seus ritos; reinventando-se e mesclando-se constantemente a novos elementos. Distancia-se, muitas vezes, da matriz oficial, na insubmissão aos seus dogmas e ritos instituídos, tornando-se uma cerimônia que não é estritamente católica. Essa relação com o sagrado difere em muito do

² Na transcrição do depoimento dos Mestres, optou-se por guardar, o mais rigorosamente possível, o caráter oral de suas informações e comentários.

³ Segundo *Santo Preto*: “é, é... nós vamo fazendo conforme fosse os Reis mesmo. Qué adorá? Vamo adorá. Vamo fazê a coisa certinha? Vamo fazê.”

catolicismo pregado pela Santa Sé, com suas aspirações transcendentais e seus deuses modelares.

Segundo a Bíblia, “Deus abençoou e santificou o sétimo dia, porque foi nesse dia que Deus descansou de todo o seu trabalho como Criador” (Gen 2: 2-3). O caráter diferenciado e oposto de sagrado e profano é exposto logo no início da narrativa bíblica, onde seis dias são profanos, de trabalho, e um sagrado, de exaltação a Deus. O rito da Folia de Reis, por sua vez, é composto por um pluralismo de entendimentos, religiosidades e culturas diversos, compondo um universo mágico próprio. O sagrado e o profano, desta forma, não constituem uma dicotomia, mas antes, interagem recriando-se e transformando-se em seu contato. O *Mestre Santo Preto* nos dá um exemplo:

se eu fosse cantá no dia 05, fosse a primeira Folia a se apresentá, que eu queria fazê? levá umas pessoas pra rezá um terço na igreja da catedral. Aí, sem o padre Mendório sabê, que ele também ele é padre, mas não conhece essa parte, essa tradição é de pessoas antiga. Ele tem lá a tradição dele de rezá uma missa, porque você rezá uma missa é mais fácil que você cantá um Reis, que você tem alguém que pode falá pra você. Então chega lá na hora, ele fala o sermão dele, cabô o sermãozinho dele, ele vai embora. Mas o folião não, ele tem que botá a cara dele ali, qualquer erro que o folião fazê, os outros lá tão falando “A lá, a lá, ali... ta fazendo erro”, aí vem a crítica. [...] Mas o padre não, o padre tem facilidade, né? Não é igual a nós, que nós, o que nós errá em qualquer instrumento, desafina tudo.

Assim, numa Folia, os regulamentos da Igreja são cumpridos em parte. Por ser uma manifestação de símbolos católicos, a Bíblia geralmente é ponto de referência. Porém, a leitura dessas passagens é vivenciada a partir das experiências pessoais de seu leitor. O texto bíblico é repleto de fissuras que estimulam seu uso criador e a individualidade, no ato da leitura, acaba por preenchê-las com gestos, disposições e interpretações específicos, insubmissos às intenções de seus compiladores. Um exemplo pode ser dado pela história de quando José e Maria se conheceram, narrada pelo *Mestre Torrada*.

Aí veio a história de José em pessoas e Maria em pessoas, se conheceram, né? Parece que São José era carpinteiro, ele era pessoa simples. Os fio do coronel até tinham muito [faz movimento de dinheiro com a mão]. Então teve uma festa num rancho, que eles foram comê, vou dizê mais simples, um carneiro, né? E tinha as esculhida. Cada um rapaz daquele esculhia uma pessoa. Tinha Maria Madalena, Conceição, é... Isabel, essas pessoas. Então, chegou na hora, a Virge, que é a Virge Maria pra nós, que era Maria, escolheu José, que era o mais simples. Aí eles acharam que não poderia, porque o preconceito existe desde o princípio do mundo.

Outro exemplo, dentre os inúmeros que existem, é a versão do *Mestre Santo Preto* para a chegada dos Reis Magos até a manjedoura:

Cada um veio chegando numa hora, entendeu? Aí você me pergunta, quem chegou primeiro? Pra chegá no minino no presépio? [...] ó, o primeiro que chegô foi o negro, que ele cortô atrás,

então ele chegô na frente, que eles duvidaro dele, né? Então ele cortô atrás e chegô na frente, aí foi chegando um de cada vez.

Além dessa leitura independente, podemos observar outras práticas – como a constante manipulação dos objetos sagrados, a atuação de leigos em funções eminentemente sacerdotais, a utilização de uma musicalidade híbrida, bem como o caráter utilitarista das promessas – que, à luz do catolicismo hegemônico, poderiam ser consideradas como atos profanatórios. Ao mesmo tempo, encontramos algumas ações aceitas pelo mesmo, como a reza do terço, aves marias e pai nossos.

Isso demonstra a praticidade do sagrado, que se encontra naturalmente apoiado na vida cotidiana. Durante a *Jornada*, é do costume dos foliões angariar fundos para uma festa propriamente dita, onde uma ceia farta é oferecida à comunidade, o *Arremate*. Para o folião, essa festa é parte integrante da totalidade do rito, e o *Giro* da Folia não seria completo sem ela, que também faz parte do pagamento da promessa. Nessas festas, geralmente, é servida comida em abundância, no desejo da fartura e da prosperidade. Esse banquete, ao contrário do *Eucarístico* – que tem por objetivo alimentar a alma do devoto com o corpo e o sangue de Cristo –, serve para alimentar o corpo e causar-lhe saciedade e prazer. É um banquete de afirmação da vida e não da promessa de uma vida após a morte; é alimento para o *aqui e agora*. Em muitos *Arremates*, é possível ainda que ocorram bailes (de forró), fogos de artifícios e outros elementos que mais caracterizariam um divertimento que o cumprimento de uma promessa.

A Folia de Reis, dessa maneira, é um rito popular que retoma o mito do nascimento de Jesus de forma marginal, transformando-o e atualizando-o a cada apresentação. A performance portanto, como um dos desdobramentos do mito, se realiza pela materialização de sua narrativa geradora. A partir das alegorias, metáforas e símbolos que incorpora e modifica, porém, acaba por corromper o mito, que fica destituído de sua moral e de suas referências fixas. Os foliões estão *fazendo a semelhança*, mas esta ocorre com a crise dos referentes bíblico e cristão.

Em sua repetição cíclica, o rito também se transforma numa eterna busca, onde o menino Jesus, visitado em todos os presépios, adorados pelos foliões, não será jamais encontrado de fato. A cada encenação do rito, entretanto, abrem-se outras possibilidades para além das religiosas ou ligadas a narrativas mitológicas.

3. Contaminação: Folia e o trânsito discursivo

Num presépio, tradicionalmente, a maioria das personagens se encontra imóvel, cabendo aos três Reis Magos a ação na narrativa visual: “No presépio, onde tudo se perfazia estático – [...] – os Três Reis introduziam o tempo. [...] Dia em dia, deviam avançar um tanto, em sua estrada, branca na montanha” (ROSA, 1970, p.65).

Esse movimento dos Reis no presépio é introjetado pela Folia, que se realiza em trânsito, no duplo sentido: anunciar acontecimento divulgado em silêncio pelo brilho de uma estrela e também rememorar-lo. À semelhança dos Magos, a Folia de Reis empreende uma peregrinação mítica ao presépio onde está o Messias. De casa em casa, cantam na porta da rua, cantam na casa (diante de um altar, ou de um santo, ou de uma flor), pedem esmolas, distribuem as bênçãos. Os foliões empreendem seu percurso, sempre do Oriente para o Ocidente, cumprindo também com os preceitos de seguir sempre na mesma direção e nunca passar pelo mesmo caminho duas vezes, assim como fizeram os Reis para despistar Herodes.

Nas casas visitadas, a mesma missão. Em cada uma, no entanto, o espaço cotidiano transforma-se momentaneamente em espaço sagrado, verdadeiro templo da celebração. O tempo já não se estabelece sob categorias formais, mas na fusão do passado com o presente e o futuro – na rememoração da época dos Reis, na performance executada e nos milagres que virão.

Como num jogo, o tempo e o espaço reais são temporariamente suspensos. Um outro universo de caráter ritual e simbólico predomina. Os locais da vida cotidiana transmutam-se, momentaneamente, na reconstituição dos passos dos reis no corpo dos foliões. Tal como as crianças, que identificam funções sem identificar formas, na marcha, sua bandeira opera um movimento de devir-estrela, a guia que ilumina os seus passos.

Os foliões, à semelhança dos Reis Magos, se colocam em viagem na busca do menino-deus dos presépios, acabando por inventar e re-inventar uma expressão dessa busca. Aqui, da mesma forma, o trabalho assume-se uma representação em trânsito, pois a experiência de inventar uma expressão acaba por descobrir novas possibilidades de integração com a Folia: os que perambulam são aqueles que traçam linhas de fuga do caminhar comum.

Na mesma linha de raciocínio, encontramos a noção do *crítico* desenvolvida por Giorgio Agambem. Para este autor, o poeta seria aquele que goza sem possuir o objeto e o

filósofo, por sua vez, seria aquele que o possui sem gozar. O crítico, no entanto, se dá conta das impossibilidades da posse do objeto, apreendendo-o enquanto busca, e sendo esta busca a causa do gozo. Também os foliões nunca chegam efetivamente até o salvador, vivem no gozo de um encontrar que é errância, da viagem que se reinicia a cada novo presépio visitado.

O trabalho então, contaminado por seu objeto, transforma-se num espaço onde operam o deslocamento, o movimento, a viagem, o processo; onde o conhecimento, bem como a atividade estética, encontram-se permanentemente em construção. Ele nem se apropria do seu objeto, nem encontra soluções para suas perguntas; ao contrário, constitui um texto que contém sua própria negação, dando-se conta de seus limites. Assim como os foliões, que nunca efetivamente encontram o seu salvador, mas continuam em deslocamento, o trabalho não se apresenta enquanto expressão da posse de uma certeza prévia, mas acompanha o movimento e os acasos da pesquisa – seja técnica ou temática –, em suma, é feito em trânsito. Fruto, em primeiro lugar, do trânsito entre diferentes códigos, a saber: as regras que comandam uma Folia de Reis, as exigências universitárias, os pressupostos filosóficos, o código lingüístico e a ordem social controladora das trocas afetivas entre o pesquisador-autor e os participantes da performance, que lhe serve de objeto de especulação e matéria para a escritura.

Sobre a presença da afetividade daquele que escreve na própria pesquisa, Roland Barthes, por exemplo, na aula que inaugural dos cursos que resultaram no livro *Como viver junto*, “já reclamara o direito a uma pesquisa que aceita comprometer-se com o afeto do pesquisador, sem, no entanto, cair na confissão ou no egotismo” (BARTHES, 2003, XXXI - XXXII). *Tenir un discours*, para Barthes, seria, dentre outras coisas, manifestar a satisfação do “sujeito embriagado por seu próprio imaginário, aquela teatralização de si mesmo” (BARTHES, 2003, XXX), a partir de um método que, ao invés de se desenvolver de forma direta e precisa, opta pela curva e pela fragmentação. Assim, ao afirmar o múltiplo, o trabalho não se propõe enquanto solução única para as questões suscitadas pela presença da tradição oral híbrida na cultura contemporânea. Ao assumir novas narratividades, diferentemente de um pensamento que se coloca enquanto verdade neutra, ele assume que o *saber* é constantemente impulsionado por forças que escapam ao controle do produtor, ultrapassando os objetivos propostos e, mesmo a abordagem aqui desenvolvida também é atravessada pelas forças de sua época.

ABSTRACT:

The objective is to raise reflective, aesthetic and critical questioning, concerning the Folia de Reis as a sample to be researched, as a way to investigate the construction of one's cultural, religious, intellectual, aesthetic, communitarian knowledge. The party has multiple variants, according to the studied region, based on Matthew and Luke's gospel. Jesus' birth original myth of is brought to real life, becomes alive, and is constantly recreated in the oral tradition through the rite of the party.

Keywords: Kings' Party; Orality; Tradition; Religious parties

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGAMBEN, Giorgio. Estâncias. Tradução de Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BARTHES, Roland. Como viver junto. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DELEUZE, Gilles. Cinema 2 - A imagem-tempo. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ROSA, João Guimarães. Ave Palavra: Rio de Janeiro: Ed. Rio de Janeiro, 1970.